

RELATO DE EXPERIÊNCIA: AULA SOBRE INDÍGENAS, QUILOMBOLAS E TRABALHO

Dayane Alves Cassiolato ¹
Nelson Rosário de Souza ²

INTRODUÇÃO

Apesar da Lei nº 11.645 de 2008, que dita a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino básico, o uso de autores propriamente afrobrasileiros e indígenas não é algo comum como o projeto Encontro de Saberes (CARVALHO *et al*, 2015) defende. Devido a essa lacuna em sala de aula, principalmente do ensino médio público, me propus refletir sobre o papel da Sociologia como matéria do Ensino Médio que também deve abranger a Antropologia a partir de perspectivas não hegemônicas.

Relato uma aula do PIBID de Sociologia³ dada ao 4º ano técnico de Administração no Colégio José Guimarães em Curitiba. O objetivo principal era propiciar aos estudantes reconhecerem as várias formas de trabalho no capitalismo contemporâneo. A ênfase foi colocada no impacto desse sistema sobre o processo produtivo das comunidades quilombolas e povos indígenas, se debruçando sobre conceitos como “associativismo”; o que noto que estudantes mostraram compreender.

A aula expositiva se deu, primeiramente, a partir da apresentação do que são comunidades quilombolas. Depois foram apresentados dados do IBGE sobre populações totais de indígenas e quilombolas. A aula teve sequência com a apresentação dos estudos de Ana Maria (Pereira, 2023) sobre o artesanato, seus significados e processos para a comunidade quilombola Faceira, em Chapada do Norte - Minas Gerais. Também trouxe dados sobre o trabalho de indígenas no Brasil – sendo que 6 a cada 10 indígenas têm a oportunidade de atuar no mercado de trabalho formal (ICL ECONOMIA, 2023). A reflexão sobre trabalho informal e técnico foi associada ao conceito de exército industrial de reserva do capitalismo de Marx, identificando quais populações são público hoje do desemprego e formação educacional precarizada. Refleti, então, sobre os questionamentos de Gersem

¹ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná - UFPR, daycassiolato@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Sociologia, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná - UFPR, nrdesouza@uol.com.br;

³ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Paraná, o qual fomentou minha atuação em sala de aula.

Baniwa a respeito do protagonismo, ainda hoje, das pessoas brancas dentro das universidades públicas e suas defesas do absolutismo da ciência única ocidental. Finalizando, apresentei o relato em vídeo da primeira indígena cirurgiã-cardiologista do Brasil, Myriam Krexu.

Palavras-chave: Artesanato, Associativismo, Encontro de Saberes, Indígenas, Quilombolas.

METODOLOGIA

A metodologia empregada foi de apresentação de dados, estudos e reflexões sobre o tema com abertura para debate com a turma. Questionei sobre seus conceitos prévios de populações originárias e tradicionais, “cooperativismo” e trabalho informal, conforme a exposição dos conteúdos. Foram apresentados objetos para demonstração de artesanato indígena – um pássaro esculpido em madeira (Guarani Mbya) e anéis trançados (Kaingang).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões em sala de aula não foram centrais, conforme esperado. O diagnóstico da turma feito pela equipe do PIBID já apontava para o fato de os alunos não se sentirem protagonistas das discussões. Porém, na aula se notou o interesse de estudantes, principalmente racializados, sobre como tais grupos não hegemônicos vivem e trabalham. Discentes, em geral, demonstraram, na exposição de suas ideias, entender o cooperativismo como um acordo, atualmente, econômico e referenciado pelos processos de mercado. Portanto, eles absorveram o conceito de “associativismo” enquanto um instrumento baseado na coletivização dos processos produtivos a partir de grupos sociais próximos (Pereira, 2023, página 108). Além disso, a aula contribuiu para a superação da carência de reflexão sobre as questões de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica e do observado em sala de aula, mostra-se essencial a retomada da Antropologia na matéria de Sociologia no ensino médio. Os autores racializados têm uma contribuição fundamental, principalmente quando tratamos da formação social brasileira. Isso se mostra mais urgente com a reforma do novo ensino médio, que dá preferência a conteúdos empresariais menosprezando a realidade histórica do país a partir da

perspectiva da classe trabalhadora. É necessário entendermos como os povos originários e comunidades tradicionais estão inseridos no capitalismo atual no Brasil, portanto, essa abordagem deve entrar na sala de aula para que a população brasileira entenda como a ocupação do território se deu pelos europeus. Assim, as lutas democráticas por justiça social e contra as desigualdades ganharão força. Enfim, compreendo a Antropologia da Educação como imprescindível para pensarmos o ensino público, área que é negligenciada e deve ser priorizada nos cursos bacharéis e projetos de licenciatura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIBID da UFPR, a qual fomentou e oportunizou a aplicação deste trabalho. Também à Professora Doutora Liliana de Mendonça Porto, que me apresentou o trabalho de Ana Maria e outras realidades não hegemônicas a partir da Antropologia, área que admiro muito e me possibilita tanto em sala de aula. E pela parceria e apoio em sala de aula, agradeço minha colega Elaine Padilha.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem. Os Indígenas Antropólogos: desafios e perspectivas. **Novos Debates: Fórum de Debates em Antropologia**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2(1): 233- 243. 2015.

BRASIL. **Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 março 2008. Seção 1, p. 1.

CARVALHO, José Jorge, ÁGUAS, Carla. 2015. Encontro de Saberes: um desafio teórico, político e epistemológico. Em: SANTOS, Boaventura S., CUNHA, Teresa (org.). **Actas, Coimbra: Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul**.

Gallon, K. **Lute como uma Garota Indígena - Myrian Krexu**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h4Oxehipt7I>. Acesso em: 25 set. 2023.

ICL ECONOMIA, Redação. Inserir população indígena no mercado de trabalho está entre os desafios da ministra Sonia Guajajara. **ICL Economia**, São Paulo, 7 fev. 2023. Disponível em:

<https://icleconomia.com.br/populacao-indigena-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 02 out. 2023.

GOMES, Irene. Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios. **Agência IBGE Notícias**, Brasil, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios>. Acesso em: 25 set. 2023.

GOMES, Irene. Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal. **Agência IBGE Notícias**, Brasil, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal>. Acesso em: 25 set. 2023.

PEREIRA, A. M. A. **A PRODUÇÃO ARTESANAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FACEIRA, CHAPADA DO NORTE – MG: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS**. 43 f. Monografia de graduação (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Chapada do Norte, 2023. Cap. 4.

SITE GOV.BR. **População quilombola é de 1,3 milhão, indica recorte inédito do censo**. Brasil. 2023. Não paginado. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-recorte-inedito-do-censo>. Acesso em: 25 set. 2023.